

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOMINALIZAÇÃO EM PORTUGUES — II

Carlos Alberto Faraco  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

Neste trabalho, faz-se uma análise da hipótese lexicalista de Chomsky (1967). A conclusão é que a opção por aquela hipótese é determinada por características gerais do modelo gramatical de Chomsky e menos por razões empíricas.

Em trabalho anterior, procurei mostrar como ficaria uma análise transformacionalista de estruturas como (1) e (2)

- (1) A vinda dos meninos (atrapalhou nosso planos)
- (2) A destruição da cidade pelos inimigos (atrapalhou nossos planos)

e que problemas ela enfrentaria concretamente numa gramática do português.<sup>1</sup>

Parece-me que ficaram claras as muitas inadequações de uma tal análise. Os modelos discutidos naquele trabalho foram os já longínquos (e defasados) modelos de Chomsky (1957) e (1965).<sup>2</sup>

Neste trabalho, vamos discutir o momento seguinte do modelo chomskyano para tratar estruturas como (1) e (2), i.e., a chamada hipótese lexicalista. Faço uma síntese da argumentação de Chomsky (1967)<sup>3</sup> a favor da referida hipótese, acompanhada numa análise desta argumentação, fundamentada com dados do português, procurando mostrar que a opção de Chomsky pela hipótese lexicalista foi antes

1 FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português. *Letras* (28):107-28, 1979.

2 CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague, Mouton, 1957 e *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MIT Press, 1965.

3 CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. & ROSENBAUM, P., ed. *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Ginn, 1970. p. 184-221.

determinada por razões teóricas (internas ao modelo) que por razões empíricas.

A recuperação destes diferentes momentos da história do modelo chomskyano parece ser vital para a compreensão correta dos caminhos percorridos por esta teoria da gramática até os dias de hoje.

Em Chomsky (1967), apresentam-se como argumento para fundamentar a hipótese de que as estruturas com nominais derivados de verbos não são obtidas por meio do subcomponente transformacional, mas são geradas diretamente pelo subcomponente de base, dados envolvendo:

- a) produtividade lexical;
- b) relações semânticas;
- c) organização interna das estruturas.

Tomando estruturas nominais do inglês (Chomsky, 1967, p. 187-8) como

- (3) John's criticizing the book (nominal gerundivo)
- (4) John's criticism of the book (nominal derivado),  
as quais têm relação com uma sentença da forma de
- (5) John criticized the book,

observa-se que — embora haja esta relação — há muitas diferenças entre (3) e (4) no que diz respeito à produtividade do processo (assumindo que ambas sejam obtidas por transformação de nominalização); às relações semânticas entre a estrutura nominal e a sentença associada; e à constituição interna das estruturas nominais.

Estruturas como (3) são regularmente produzidas, i.e., não há praticamente limitações quanto à possibilidade de se obter uma estrutura como (3) a partir duma estrutura sentencial subjacente. Isto já não ocorre com estruturas como (4): de nem toda estrutura sentencial subjacente é possível se obter uma estrutura com nominal derivado (cf. Chomsky, 1967, p. 188-9 — exemplos 6 a 10; e p. 193 — exemplos 13, 14 e 15, 16).

As relações semânticas entre a estrutura com nominal gerundivo — (3) — e a estrutura sentencial subjacente são diretas, i.e., a interpretação semântica da primeira se faz em termos das relações gramaticais definidas na segunda, sem maiores dificuldades (Chomsky, op. cit.: 187); sendo, porém, variadas e idiossincráticas as relações semânticas entre estruturas com nominal derivado — (4) — e a estrutura sentencial subjacente (cf. Chomsky, 1967, p. 188 e, mais especificamente, p. 189).

Em se tratando da organização interna das estruturas, nota-se que os nominais derivados estão em formas que têm a estrutura de FN, enquanto os nominais gerundivos estão em estruturas sem essa característica (cf. Chomsky, 1967, p. 187 e 189-90).

Estas diferenças entre (3) e (4) fazem pensar que a análise dada a (3) não é semelhante à que se deve dar a (4). Dito por outras palavras: se é interessante (em função das regularidades observadas) engendrar (3) a partir duma estrutura sentencial subjacente, por meio do subcomponente transformacional (postulando uma transformação específica), o mesmo não parece apropriado (em função das irregularidades observadas) para o caso de (4).<sup>4</sup> Daí, a proposta duma análise alternativa — a lexicalista (cf. Chomsky, 1967, p. 188) — com o intuito de dar conta de estruturas como (4), abrangendo tanto suas peculiaridades quanto a produtividade, relações semânticas e organização interna, como suas relações com uma sentença, sem, contudo, lançar mão a uma transformação específica.

Os dados do português com que trabalhei — nomeadamente estruturas como (1) e (2) — apresentam as seguintes características quanto à produtividade, relações semânticas e organização interna das estruturas:

#### a) **Produtividade**

No caso específico dos nominais de ação, parece que há poucas limitações quanto à produtividade em português: a um verbo de ação corresponde, em geral, um nominal.

Num levantamento aleatório de duzentos verbos,<sup>5</sup> ocorreram trinta e três sem nominal correspondente registrado no dicionário, o que daria aproximadamente 16% do total, um percentual de certo modo elevado a limitar a obtenção de estruturas nominalizadas a partir de estruturas sentenciais subjacentes, pela simples razão de o verbo não ter um nominal associado.

A falta de registro em dicionário, contudo, não significa impossibilidade de ocorrência do nominal, ainda mais se levarmos em conta o fato de não haver, ao que parece, uma causa para as lacunas constatadas, i.e., os verbos encontrados sem nominal correspondente no dicionário não têm uma característica comum que permita formar um conjunto na-

4 Ver, contudo, P. SCHACHTER (A nontransformational account of gerundive nominals in English. *Linguistic Inquiry*, 7 (2):205-41. 1976) para uma argumentação a favor de uma análise lexicalista de estruturas com nominal gerundivo do tipo de (3).

5 FARACO, C.A. A hipótese lexicalista: considerações teóricas e empíricas. Campinas, 1978. p. 104-11. Dissertação, Mestrado, Universidade de Campinas.

tural a que a regra de nominalização ficasse bloqueada. É antes um defeito de organização do dicionário, consequência provável da não explicitação das regras de produção lexical do português.

Melhor seria se conhecêssemos mais do fenômeno da produtividade lexical; precisaríamos explicitar os mecanismos morfológicos-derivacionais da língua, ou seja — em última análise — a competência lexical do falante. Teríamos, então, condições mais adequadas para prever eventuais lacunas não-acidentais do léxico. É possível que, com informações morfológicas mais precisas, diminua bastante o percentual de verbos sem nominais e se possa caracterizar quais lacunas não são acidentais.

Em recente trabalho voltado especificamente para a competência lexical do falante (Basílio, 1980),<sup>6</sup> há argumentação a favor da distinção entre nominalização e outros processos de formar palavras. Propõe-se — em função dos dados analisados — que a nominalização não seja considerada apenas como regra de formar palavras, mas como algo mais amplo, i.e., uma relação paradigmática entre verbos e nomes. Em Basílio (p. 18), entende-se por relação paradigmática uma relação sistemática entre conjuntos de palavras no léxico, o que significaria, no caso da nominalização, que entre o conjunto dos verbos e o conjunto dos nomes há uma relação tal que para cada verbo existe um nome associado morfológicamente. Esta relação paradigmática impõe um padrão derivacional geral: se tivermos um verbo novo no léxico (digamos que ele seja um empréstimo — *esnobar*, por exemplo) ou um verbo cujo nominal não foi constatado como de fato existente, há uma expectativa de que ele terá um nome associado morfológicamente, i.e., a relação paradigmática prevê a criação do nome por regras específicas de formação de palavras.

Aceita a argumentação de Basílio (1980), a impossibilidade de criação deverá ter razões transparentes (já que a relação paradigmática impõe uma expectativa de criação), o que não é o caso das lacunas observadas no levantamento aleatório mencionado acima, as quais possivelmente podem ser preenchidas por nominais criados pelas regras de formação. Assim sendo, não parece sem propósito a afirmação de que não há maiores limitações quanto à produtividade em português, no que diz respeito especificamente aos nominais de ação que estamos analisando.

6 BASÍLIO, M. Estruturas lexicais do português, uma abordagem gerativa. Petrópolis, Vozes, 1980. p. 18.

## b) relações semânticas

Há dois tipos de relações semânticas a serem considerados: aquelas entre a FN com nominal derivado e a S (ênfase) associada; e aquelas entre o nominal e o verbo.

No primeiro caso, deve-se destacar que para a interpretação semântica dum a estrutura, grande parte da informação relevante é dada pelas relações gramaticais definidas na estrutura profunda (Chomsky, 1965 p. 141).

Vimos no trabalho anterior que as relações gramaticais apreensíveis numa estrutura com nominal derivado são também possíveis de apreensão numa sentença.

Em conseqüência, grande parte da informação relevante para a interpretação semântica da FN com nominal derivado e da sentença associada deve ser comum.

Este fato — as relações gramaticais idênticas em ambas as estruturas — parece justificar a postulação dum a estrutura profunda idêntica para elas (FN e S), i.e., há um bom motivo para se propor uma análise transformacionalista de estruturas como (1) e (2).

No segundo caso, é possível registrar regularidade na relação semântica entre o nominal de ação e o verbo em português, especificamente o fato de o nominal derivado fazer referência a **ato de**. Um exemplo: ao verbo **arrugar** ('fazer rugas em') corresponde um nominal (**arrugamento**), cujo conteúdo semântico é **ato de arrugar**. Esta correspondência semântica parece ser constante entre nominais de ação e os verbos respectivos, i.e., na relação semântica entre o verbo e o nominal derivado, temos neste ao menos um aspecto que é constante: o fato de ele fazer referência a **ato de**.

Este aspecto não encerra, porém, as relações semânticas possíveis entre o nominal e o verbo. Há outros casos a serem considerados, casos estes menos regulares que o observado acima.

Um deles envolve o significado de **efeito do ato, resultado do ato** (objeto resultante do ato) que muitos nominais — relacionados com verbos transitivos diretos — podem ter além do significado referido anteriormente, o que representa, em muitos casos, uma ambigüidade lexical. Alguns exemplos:

- (6) A **invenção** de Edson modificou a vida da humanidade (**invenção**: o resultado do ato de inventar)
- (7) O **calçamento** da rua está estragado (**calçamento**: objeto resultante do ato de calçar)
- (8) A **plantação** de cana foi destruída pelo fogo (**plantação**: objeto resultante do ato de plantar)

Embora não sendo uma relação semântica constante entre o nominal e o verbo, já que há nominais sem este significado e apenas com o significado anterior (*ato de*), por exemplo:

- (9) O **fretamento** de aviões é bastante comum.
- (10) A **dessalinização** da água do mar é muito cara.
- (11) A **adesão** de João ao movimento atrapalhou nossos planos.

e embora não sendo uma relação direta entre o verbo e o nominal (o significado deste envolve a noção de **objeto resultante do ato de**), ela tem certa regularidade (muitos nomes mantêm esta relação com o verbo; e os verbos são sempre transitivos diretos, havendo, portanto, uma classe natural de verbos a que se aplicaria uma possível regra transformacional<sup>7</sup>, a ponto de haver motivado análises transformacionistas. Teríamos o que se chamou de **nominal de objeto**<sup>7</sup> ou **nominal de resultado**.<sup>8</sup>

Além desta relação, acontece muito frequentemente que os nominais em português (como em inglês) tenham outros significados, relacionando-se semânticamente de modo variado e bastante acidental com o verbo correspondente. Observe os exemplos (12) — (14):

- (12) a. A **direção** do curso por João é pouco provável  
(**direção**: ato de dirigir)
- b. A **direção** do carro está estragada  
(**direção**: instrumento com que se dirige um carro)
- (13) a. A **abertura** do abcesso pelo médico foi necessária  
(**abertura**: ato de abrir)
- b. A **abertura** menor perto da lareira é o lugar da porta  
(**abertura**: espaço aberto)
- (14) a. Estou esperando a **saída** dos jogadores  
(**saída**: ato de sair)
- b. A **saída** dos jogadores é o portão 23  
(local por onde se sai)

Em todos estes exemplos, em (a) a relação semântica do nominal com o verbo é sempre a mesma; mas, em (b), a relação é peculiar a cada caso.

<sup>7</sup> LAKOFF, G. *Irregularity in syntax*. New York, Holt, 1970. p. 65.

<sup>8</sup> MCCAWLEY, J. Lexical insertion in a transformational grammar without deep structure. In: SANCHEZ DE ZAVALA, V., comp. *Semântica e sintaxis en la lingüística transformatória I*. Madrid, Allanza, 1974. p. 287.

O caráter idiossincrático destas relações semânticas não deve, porém, causar transtornos a uma análise transformacionalista, visto que a melhor solução parece ser tratar as formas de (b), em (12) — (14), como lexicalizadas, i.e., formas que, embora derivadas de um verbo, recebem uma entrada específica no léxico, considerando que elas são sintática e semânticamente pouco relacionadas com o verbo. Basta ver que as relações gramaticais podem se estabelecer entre o nominal derivado e os demais constituintes em (12.a) — (14.a), relações idênticas às que podem se estabelecer entre o verbo e os demais constituintes numa sentença, não se repetem em (12.b) — (14.b). Isto parece suficiente (na medida em que as relações gramaticais são importantes para a interpretação semântica) para justificar a lexicalização destes nominais que ocorrem em (b).<sup>9</sup>

A forma lexicalizada pode, então, ser inserida já na base, como qualquer outro N. Apenas que o léxico deve ter recursos para indicar a relação morfológica entre o verbo e o nominal, se esta informação for necessária para o funcionamento de qualquer outra parte da gramática.

### c) organização interna das estruturas nominais

Tanto em português como em inglês, as estruturas com nominais derivados — embora as relações entre seus constituintes sejam semelhantes às relações entre os constituintes da sentença, o que aproxima sua estrutura da estrutura da sentença — têm características próprias duma FN (o que, por seu turno, as distancia da estrutura sentencial), a saber: a presença de Artigo e de todo tipo de Determinante; a possibilidade de pluralizar; de ter oração relativa e de ter adjetivos.<sup>10</sup>

9 Os nominais em questão nos exemplos (12.b) — (14.b) são problemáticos para ambas as análises: o tratamento que se deve dar a eles não vai diferir, assumindo-se uma ou outra das hipóteses. O fato destes nominais e os verbos serem pouco relacionados sintática e semanticamente parece justificar aquele tratamento igual, quer se adote uma ou outra das hipóteses. Ora, se a melhor solução parece ser aquela que considera tais nominais como formas lexicalizadas — independentemente da hipótese que se assume — estes nominais não podem ser tomados como argumento a favor duma ou de outra hipótese.

10 Deve-se observar também que a estrutura com nominal derivado não contém marca de Aspecto (o que a aproxima de FN): não há uma estrutura com nominal derivado que corresponda a: a) Ulisses Guimarães estar convocando o diretório nacional do partido irrita muita gente; b) Ulisses Guimarães ter convocado o diretório nacional do partido irrita muita gente. Por outro lado, a estrutura com nominal derivado pode conter advérbios (o que a aproxima de S): c) A convocação do diretório nacional do partido por Ulisses Guimarães ontem está irritando muita gente; d) A destruição do exército de Napoleão pelas tropas inglesas em Waterloo incomoda muita gente ainda; e) A destruição das pedreiras pelas firmas construtoras com dinamite importada está consumindo muito dinheiro; f) A saída de João com os amigos renovou-lhe os ânimos. Contudo, parece não ser possível, nestas estruturas, a ocorrência de advérbios de modo em -mente. Talvez porque eles têm parentesco com adjetivos, dando-se preferência a estes na estrutura nominal: g)? A organização cuidadosamente dos arquivos pelas secretárias é indispensável para o bom funcionamento da empresa; h)? A contração levemente dos músculos pela dançarina fez a platéia estremecer.

## Alguns exemplos:

- (15) a. A convocação do diretório nacional do partido por Ulisses Guimarães... (Artigo)  
 b. Muitas das convocações do diretório nacional... (Pré-artigo e plural)  
 c. A revogação que o partido propôs, do artigo 183 da Constituição... (oração relativa)  
 d. A fantástica proibição do ballet pelo ministro... (adjetivo)

Discutamos um pouco as razões de a organização interna das estruturas com nominal de ação constituir problema para uma análise transformacionalista fundada nos pressupostos teóricos de Chomsky (1965).

Uma das características daquele modelo chomskyano é a postulação duma estrutura sintática abstrata, diferente da estrutura de superfície. A necessidade de um modelo teórico com estruturas abstratas foi mostrado em Chomsky (1957, cap. 5) ao se constatar que um modelo sem estas estruturas (concentrado apenas nas estruturas de superfície) não seria adequado para apreender importantes generalizações a respeito das línguas humanas, sobre produzir uma gramática excessivamente complexa e *ad hoc*.

A introdução de estruturas abstratas, porém, traz como consequência a necessidade de restringir o modelo, de modo a evitar que, enriquecido com novos recursos descritivos, ele se torne poderoso demais.

Assim, por exemplo, ao tentar explicitar as propriedades da base do componente sintático (Chomsky, 1965, cap. 2), Chomsky considerou como corretas, no essencial, as informações que uma gramática tradicional seria capaz de dar diante duma sentença qualquer da língua, i.e., ele toma como correta a hipótese dos estudos tradicionais quanto à estrutura da sentença: esta é tomada como uma seqüência divisível em subseqüências (e estas também divisíveis em subseqüências até se chegar a elementos indivisíveis), sendo cada subseqüência associada a uma categoria. Para as categorias lexicais — Nome, Verbo, Adjetivo... — se assumem as características morfológicas das categorias lexicais da gramática tradicional. Tal assunção é operacional, já que em Chomsky (p. 65-6), ao se tratar da representação substantiva dos símbolos categoriais, o assunto é posto como o problema tradicional da gramática universal e a ela é que caberá esclarecê-lo (cf. também p. 115-7). Enquanto isto não ocorre, assume-se operacionalmente a caracterização morfológica das categorias lexicais, com base no que se fazia na gramática tradicional.

Uma leitura crítica da gramática chomskyana sob a perspectiva dos princípios gerais tomados como ponto de partida para a elaboração do modelo, está em Franchi.<sup>11</sup>

Ai se discute também (p. 124 e seg.) o fato de a reformulação das categorias propostas em Chomsky (1967 p. 207-11) não mudar substancialmente a natureza do modelo quanto à hipótese assumida em Chomsky (1965, cap. 2) como fundamento da elaboração teórica: o modelo permanece segmental (uma seqüência é divisível em subsequências, e assim por diante) e classificatório (cada subsequência pertence a uma categoria, apenas que as categorias que dominam categorias lexicais passam a ser tomadas também como conjuntos de traços sintáticos, o que já se vinha fazendo com as categorias lexicais desde Chomsky (1965:79 e seg.).

Vejamos, com mais detalhe, em que consiste a mencionada reformulação das categorias, seguindo a argumentação de Chomsky (1967).

A estrutura superficial

(16) The destruction of the city by the enemy  
teria aproximadamente, na análise lexicalista, a estrutura profunda

(16') The enemy's — [destroy, + N] — the city — by  $\Delta$

Aplicada a regra de posposição de agente, teríamos o aparecimento do artigo definido *the*:

(16'') Posposição de agente

———— — [destroy, + N] — the city — by the enemy

(16''') Aparecimento do artigo definido

the — [destroy, + N] — the city — by the enemy

Para dar conta deste aparecimento, formula-se, em Chomsky (op. cit.: 207), a regra (42):

(42) Artigo  $\rightarrow$  [ $\pm$  def, (FN)]

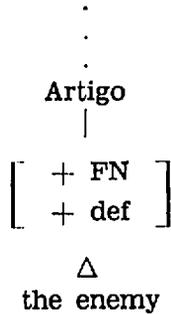
pela qual o Artigo pode ser tanto definido quanto indefinido; ou pode ser — além de definido ou indefinido — toda uma FN. Removida esta pela regra de posposição de agente, permanece o traço [ $\pm$  def] que posteriormente se realiza como *the*, se o traço for [+ def].

11 FRANCHI, C. Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem. Campinas, 1976. Tese. Doutorado. Universidade de Campinas.

A regra (42) supõe que:

a) possa haver um símbolo complexo (conjunto de traços), i.e.,

$\left[ \begin{array}{l} + \text{ def} \\ + \text{ FN} \end{array} \right]$ , dominando uma ramificação, como em



b) o símbolo FN, sendo parte de um símbolo complexo (e sendo este um conjunto de traços) deve ser considerado como um traço ([+ FN], portanto) que, por sua vez, pode eventualmente ser um conjunto de traços. Digo eventualmente, porque em alguns casos [+ FN] é considerado apenas como um traço (ver exemplos abaixo).

Nestes termos, a regra (42) não é formulável no modelo de 1965, porque neste:

a) só as categorias lexicais (N,V,A,...) são um conjunto de traços;

b) os símbolos complexos (conjuntos de traços — cf. Chomsky, 1965 p. 82) só podem dominar uma seqüência de elementos dentro da palavra, i.e., não há símbolo complexo dominando uma configuração ramificada (cf. Chomsky, 1965, p. 188).

Isso motiva, então, a reformulação do modelo de 1965 no que concerne às categorias: todos os símbolos da gramática passam a ser conjuntos de traços (Chomsky, 1967, p. 208) e os símbolos complexos podem dominar ramificações.

Alguns destes traços são do tipo [+ FN], [+ FV], os quais, por sua vez, podem ser também um conjunto de traços. Num dos símbolos complexos sugeridos em Chomsky (1967, p 208) — [There, + FN] — [+ FN] é apenas um traço, enquanto em outro — [ $\pm$  def, + FN] — [+ FN] é um conjunto de traços dominando uma ramificação, [the enemy].

O símbolo FN, numa árvore, é apenas a abreviatura do conjunto de traços que vem sob ele, assim como o símbolo /p/ abrevia o conjunto de traços fonológicos [+ consonantal, — vocálico, + anterior, — coronal, ...].

Além desta reformulação, aparece, em Chomsky (1967 p. 210), uma nova notação. Ela é consequência da expansão da base para engendrar FNs com nominais derivados. Para este engendramento, foi necessário introduzir complementos em FN semelhantes, em número e características, aos introduzidos em FVs e FAs (frases adjetivas), conforme Chomsky (1967, p. 195-6). Teríamos algo como:

- (17)            (i) FN → N Comp  
                   (ii) FV → V Comp  
                   (iii) FA → A Comp

onde se observa uma similitude estrutural entre FN, FV, FA, o que motiva a nova notação (Chomsky, 1967, p. 212), na medida em que é possível substituir as regras de (a) por um esquema com uma variável — X — que representa as categorias lexicais, cujos símbolos são N, A, V.

Para uma frase dominando X, usa-se o símbolo  $\bar{X}$ ; o símbolo que domina  $\bar{X}$  será  $\bar{\bar{X}}$ . Sob  $\bar{X}$ , além de  $\bar{X}$ , podemos ter [Espec.,  $\bar{X}$ ] que é analisável como o Determinante, se  $\bar{X}$  for  $\bar{N}$ ; como Auxiliar, se  $\bar{X}$  for  $\bar{V}$ ; e como elementos de qualificação das frases adjetivas (muito, estruturas comparativas, ...) se  $\bar{X}$  for  $\bar{A}$ . Lembrar que cada formativo lexical, desde Chomsky (1965), é um conjunto de traços: o símbolo N, por exemplo, está pelo conjunto [+ N, — V, ...].

A regra inicial da base será:

$$S \rightarrow N \bar{V}$$

$\bar{N}$  é um símbolo recursivo, servindo também como um ciclo de aplicação das transformações.

Visto isto, podemos voltar à discussão das consequências para o modelo chomskyano da incorporação de informações distribucionais e morfológicas da gramática tradicional.

Incorporando na base tais aspectos, a gramática engendrará indicadores sintagmáticos abstratos (abstratos no sentido de eles não serem apenas uma reprodução da seqüência na sua forma superficial), mas cheios de propriedades da estrutura superficial (justamente as propriedades morfoló-

gicas e distribucionais herdadas conscientemente da gramática tradicional).

O fato de a estrutura profunda — embora sendo abstrata — ser muito semelhante à estrutura superficial restringe bastante o modelo. Assim, por exemplo, ao submeter a estrutura profunda às transformações, estas podem, sob certas condições, mudar aquela. Nenhuma transformação, contudo, pode introduzir novos nódulos categoriais, pois isto é propriedade exclusiva da base; nem encaixar uma S em outra, também propriedade exclusiva das regras de reestrutura da base.

Desse modo, se um Artigo vai aparecer na estrutura superficial, ele já deve estar previsto na estrutura profunda. Em outras palavras, a criação de um nódulo para o Artigo depois de engendrada a estrutura profunda não é concebível no modelo chomskyano. o mesmo quanto aos Pré-artigos e às orações relativas.

Numa tal análise, se temos de engendrar uma estrutura superficial com todas as características duma FN — como é o caso de estruturas como

- (1) **A vinda dos meninos** (atrapalhou nossos planos)
- (2) **A destruição da cidade pelos inimigos** (atrapalhou nossos planos)

o mais interessante é engendrá-la diretamente como FN na estrutura profunda. Daí o fato de a hipótese lexicalista ser a saída mais adequada, dentro do modelo gramatical chomskyano, para dar conta de estruturas como (1) e (2).

Ainda que quiséssemos postular, dentro do mesmo modelo, uma análise transformacionalista para estas estruturas, teríamos de engendrar toda a estrutura de FN já na estrutura profunda, o que acaba tornando a transformação obrigatória, como — aliás — já se propusera em Chomsky (1965, p. 235, nota 40).

Pode-se concluir deste raciocínio dizendo que — para o caso específico sob consideração neste trabalho — o argumento mais forte a favor da hipótese lexicalista numa gramática do português é um argumento teórico: é decorrência das características do próprio modelo o fato de ser problema para uma análise transformacionalista que a estrutura com nominal tenha todas as características duma FN.

Uma análise de (1) e (2) baseada em Chomsky (1967) será o assunto duma terceira parte deste estudo.

**ABSTRACT**

In this essay, there is an analysis of the lexicalist hypothesis (Chomsky, 1967). The conclusion is that the option for that hypothesis is determined by general characteristics of Chomsky's grammatical model, and less for empirical reasons.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1 **BASÍLIO, M. Estruturas lexicais do português; uma abordagem gerativa.** Petrópolis, Vozes, 1980.
- 2 **CHOMSKY, N. Aspects of the theory of syntax.** Cambridge, MIT Press, 1965.
- 3 ————. **Syntactic structures.** The Hague, Mouton, 1957.
- 4 **FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português.** *Letras* (28):107-28, 1979.
- 5 ————. **A hipótese lexicalista; considerações teóricas e empíricas.** Campinas, 1978. Dissertação, Mestrado, Universidade de Campinas.
- 6 **FRANCHI, C. Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem.** Campinas, 1976. Tese, Doutorado, Universidade de Campinas.
- 7 **JACOBS, R. & ROSENBAUM, P., ed. Readings in English transformational grammar.** Waltham, Ginn, 1970. p. 184-221.
- 8 **LAKOFF, G. Irregularity in syntax.** New York, Holt, 1970.
- 9 **SÁNCHEZ DE ZAVALA, V., comp. Semántica e sintaxis en la lingüística transformatória I.** Madrid, Alianza, 1974. p. 259-75.
- 10 **SCHACHTER, P. A nontransformational account of gerundive nominals in English.** *Linguistic Inquiry*, 7(2):205-41, 1976.